

Tudo se ilumina  
para aquêlé que  
busca a luz.

BEN-ROSH

ה ל פ ר ד

... alumia-vos,  
e aponta-vos o  
caminho

BEN-ROSH

(HA-LAPID)  
F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. G. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)  
Redacção na Sra. R. Kadoorie Melor, Haim  
Rua Guerra, Inaqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A  
Rua da Fábrica, 80  
PORTO

## A REPARAÇÃO DO DANO

Naquele tempo e naquela terra havia um homem generoso e bom, de nome Aïb, cuja cabeça era sempre agitada por pensamentos frementes de ideais de fé e de justiça social, cujo coração se comovia ao conhecer misé-rias humanas, cujo braço forte de actividade amparava os fracos no caminho da verdade e cuja mão acariciadora afagava os tristes e aflitos de alma.

Inteligência reflectida e alma sonhadora, procurava ligar a si jóvens e vélhos, a quem pretendia insuflar nma alma nova que só tivesse a aspiração de caminhar para a luz, para o bem e para a beleza moral.

Num verdejante prado fêz construir um edifício, com uma alta tórre, onde faria a sementeira de elementos formadores de almas novas.

Chamou a si almas rudes e selváticas das montanhas do Norte dessa terra e, quando as viu formando um pequeno rebanho, como bom pastor as protegia, as guiava e as acariciava. Que imenso prazer êle sentia quando, como bom lavrador, êle abria com a sua char-rua espiritual os sulcos donde brotaria uma messe doirada de trigo ideal! Que grande ventura sentia quando aquelas almas selvagens, moldadas pelas suas mãos de escultor idealista, começavam a tomar formas de beleza social! Que encanto sentia quando, como caridoso e paciente preceptor, notava que essas almas de rude aspereza produziam gestos de bondade, de amor e de fé!

E a alma do sonhador, elevava, então, no seu êxtase místico, louvores ao Deus Altís-simo e Único.

Os animais egoístas, preocupados sòmente com o confôrto do seu tubo digestivo, não compreendiam a obra de Aïb, o formador de almas novas, porém, as simpáticas aves migratórias, as boas andorinhas, iam, de terra em terra, por todo o mundo, chilreando sons laudativos do louco sonhador.

E, desde então, nos quatro cantos da terra, aves de diversas côres e cantos, faziam ressoar pelas florestas as suas homenagens ao guia das almas selvagens.

Mas eis que despertando dum pesado sono, provocado pela digestão duns sapos e outros úteis animais campesinos, abre os olhos, levanta a cabeça Nahash, a serpente, o mais malicioso e mais peçonhento dos ani-mais criados, que passa a sua existência rastejando no pó e na lama.

Repara e nota o fecundo trabalho de Aïb e, como a horrorisa tudo o que é belo e grande, tudo quanto é bom e generoso, silva furiosamente contra o agitador.

O seu sinistro silvar acorda e chama a atenção de negros corvos e maléficos abutres, que, vivendo de corpos mortos, prepara-ram nas trevas da noite as garras que hão de ferir o bom sementeiro.

Bestas carniceiras sorriem, antegosando os bons pedaços de carne, que esperam saborear. E umas corujas, que, tendo fugido da destruição de Sodoma, se albergaram nuns pardieiros, naquele campo alegre, piam velhacamente, preparando a Haskabah (*de profundis*) daquele bom homem que havia tido piedade da sua fealdade e por isso lhes permitira a sua permanência ali, aju-

dando-as a viver com algumas migalhas que êle fazia sobrar do sustento das suas ovelhas.

Os corvos conseguem infiltrar algumas ovelhas ranhosas do seu rebanho no rebanho do bom pastor. Das bestas carniceiras, alguns lóbos, disfarçados em cães de guarda, simulam ajudar o guia sonhador, que mal não pensa e que mal não cuida.

As corujas enquanto comem as migalhas do rebanho vão, num piar manso e suave, preparando as ovelhas, insuflando nelas instintos de feras.

Nabash, com os seus encantamentos, a todos dava aspectos humanos.

Um córvo pela calada da noite entra nos subterrâneos da torre, levando para ali os seus malefícios.

E, um dia, quando tudo estava preparado, tóda a horda miserável assalta a torre indefesa, e assenhoreia-se dela.

O sonhador é entregue aos abutres para que o dilacerem.

Nabash, pelos seus maléficos poderes e pelos seus sinistros elementos, transforma algumas das ovelhas mansas em cães danados, que abocanham ferozmente o seu bondoso amigo e protector. Outras ovelhas reagem, mas são impotentes para resistirem ao bando criminoso, que as dispersa e lhes nega a alimentação, enquanto as rézes danadas tinham boa e fresca erva, límpida e saborosa água, para terem força para morderem o seu guia.

Preparavam-se os abutres para a eliminação de Aib, quando Deus Bendito, juiz da eterna verdade, que protegeu Daniel, o profeta, na cova dos leões, fêz triunfar a verdade. E Aib volta a ocupar a torre e a reparar os estragos que a maléfica malta havia feito, e ali vieram de longes terras e dos campos vizinhos boas almas para saúdar aquêlê guia das almas escurecidas.

Pouco tempo antes do sol da verdade deslumbrar os olhos dos que haviam de justiça o apóstolo, uma das rézes do rebanho, que haviam danado e que abocanhara ferozmente o seu preceptor, vinha pedir-lhe perdão, rogando-lhe que esquecesse tódas as suas maldades e que lhe consagrasse a sua amizade e carinho, como outrora. Acrescentava que, encorajado pelo desejo de reparação do dano, fôra perante os executores dos abutres proclamar que havia mentido contra o sangue inocente do seu mestre, sujeito a ser vítima êle próprio, e por todos

os locais por onde andava patenteava o seu arrependimento; que lhe perdoasse, pois, visto ter assim descarregado a sua consciência e feito completamente a reparação do mal feito.

Aib ouviu-o serenamente e depois respondeu:

— Meu pobre e pequeno judas: vai ao jardim, toma um galo dos dedicados aos sacrifícios, sobe ao alto da torre, depena o galo e espalha tódas as suas penas. Quando tiveres terminada essa obra, volta.

O pequeno judas cabrito montês assim fêz; uma a uma foi arrancando as penas ao galo e as arremessava para fora do eirado; e uma leve brisa as fazia esvoaçar e espalhar pelos campos em redor.

Terminada a sua tarefa, o cabrito montês voltou dizendo:— Mestre, já fiz o que me mandaste. Ordenas mais alguma cousa?

— Sim, diz-lhe o Mestre, vais agora reparar o que fizeste. Vais começar por apanhar tódas as penas que lançaste fora.

— Mestre, isso é impossível. Posso apanhar muitas delas mas nunca tódas as penas, porque muitas as levou o vento para longe e não sei para onde.

— Pobre alma de cabrito montês, se não consegues reparar o dano recolhendo tódas as penas extraviadas, cousas facilmente palpáveis e visíveis, como podes conceber que esteja reparado o dano das más palavras que são invisíveis e impalpáveis? Como é impossível a reparação do dano da dispersão das penas, mais e muito mais difícil é a reparação do dano moral. Da mordedura da bôca caluniosa fica pelo menos a cicatriz da dentada.

BARROS BASTO.



## SENTENÇAS TALMUDICAS

Está escrito: Tu amarás o Eterno teu Deus. Isto significa: Faze com que o nome do Eterno seja amado pela tua maneira de ser e de agir. — *Talmud (Yomah)*.

O pai que ensina a lei sagrada a seus filhos tem tanto mérito como se a tivesse ensinado aos seus netos e aos bisnetos, até ao fim das gerações. — *Talmud (Kidushim)*.

Sem discípulos não há mestres. — *Talmud (Sanhedrin)*.

# ORAÇÕES DOS CRIPTO-JUDEUS

## (TRADIÇÕES MARANAS)

Santo e justo omnipotente Senhor, Deus, eterno criador, que habitais nas alturas, cercado de imensos coros celestes e de imensos anjos, de todos louvado, Deus forte, pai dos pecadores; os anjos por nós vos dêem louvores; engrandeça-vos do mundo a gente, o céu e a terra e tudo o que é vivente; tudo louve o grande Deus de Israel Jacob e de Abraão e de Isac e todos o santifiquem em um cântico fiel; oh! Deus supremo, oh! Deus de Israel, oh! Deus firme em quem tenho a minha esperança, sede de misericórdia e de vingança, protege Senhor um povo afrontado de desgraças e ruínas ameaçado; triunfar o faz dos seus inimigos. Livra-nos de tão eminentes perigos, tem clemência do teu povo, Senhor, que anda disperso, sem ter pastor, vê que contra êle estão conspirando muitos leões assanhados, que nos querem tirar as nossas vidas; não permitas, grande Deus soberano, que se alegrem com as nossas mortes e com os nossos danos, cruéis desprezam inocentes vozes, são tiranos, infames algozes; vê, se o teu poder nos faltar, ao seu rigor não podemos escapar; Tu és o Deus Adonai, meu protector, meu amparo e meu salvador, teus milagres foram patentes; Deus forte, livra-nos do horror da morte, teu braço já estende contra quem o teu povo ofende; castiga e humilha quem o teu povo maltrata; confunde-os com vergonha e com espanto quem o teu povo santo persegue, mostra-lhe dum modo justiceiro, que só Tu és o Deus santo e justo e verdadeiro, assim como fizeste a Faraó, faz a quem a teu povo perturba a paz; livra-nos assim como livraste do Egípto o teu povo, com poder infinito; livra-nos como livraste os três meninos de Babilónia do fogo; livra Senhor o teu povo como livraste a Daniel do lago dos leões; livra-nos como livraste o vosso profeta Jonas do ventre da baleia; livra-nos como livraste a Suzana da ímpia sentença tão tirana; livra-nos das perseguições ao teu povo de Israel; atende-nos assim como a Judite atendeste quando o ímpio vencer quiseste; livra-nos grande Deus verdadeiro de tão triste e penoso cativo; livra-nos Senhor, por compaixão, de quem nos persegue sem ter razão; livra-nos do seu poder e volta contra êles a sua

tiranía; permita o vosso santo nome que sejam dispersos e sejam perdidos; teus prodígios excelsos e soberanos emprega castigando os tiranos; eu sei, Divino Grande Deus de Israel!, quanto é louvável o vosso santo poder e o vosso santo nome em toda a terra, e a vossa magnificência é superior aos céus; louvamos todos o nome santo do Senhor, porque só o seu santo Nome é digno de ser louvado; o temor de Deus é santo e êle permanece por todos os séculos, e os seus juízos são verdadeiros, por si mesmo justificados, porque o Senhor é um Deus todo poderoso e um divino rei, sobre os deuses; trazei vítimas e entrai nos seus templos, adorai ao Senhor no átrio santo, trema toda a terra na sua presença, publicai entre as nações que o Senhor estabeleceu o seu reino, para que a sua misericórdia se confirme sobre nós e a verdade do Senhor permaneça eternamente; jurou o Senhor e não se arrependerá, tu és o eterno sacerdote, segundo por ordem de Israel, porém todo o Israel espere no Senhor desde agora por todos os séculos, e êle há de remir a Israel e a todas as suas iniquidades e a sua santa misericórdia se estende de geração em geração, e todos os que fielmente vos procuram tenham em vós o maior prazer e alegria, e digam sempre aos que procuram a nossa salvação, digam exaltado seja o grande Deus de Israel e êle seja louvado por todos os séculos e por todos os seus santos e pelos filhos de Israel; alegrem-se os céus e a terra, comova-se o mar em toda a sua extensão, e os campos com tudo o que Deus cria neles; nações das gentes ofereci os vossos louvores ao Senhor, ofereci ao Senhor toda a vossa honra e glória, que é dada ao seu Santo Nome; os montes, cumes de serras se derreterão à vista do Senhor, e na sua presença tremeu a terra, anunciará aos céus a sua santa justiça, e virão todos os povos da sua glória, confundir-se-ão todos os que adoram ídolos porque só vós sois o Senhor altíssimo em toda a terra infinitamente exaltado sobre todos os deuses; Alegrai-vos, ó justos, no Senhor e celebrai com os vossos louvores a memória da sua santidade. Bendito seja o Deus de Israel; por todos os séculos amai o Senhor. — (*Recolhida em Bragança*).

# O ENSINO RELIGIOSO

## I—Necessidade do ensino religioso

O maior mal de que enferma a sociedade é a ignorância religiosa. Com o ensino religioso na família não se pode contar muito, porque a maior parte dos pais ou não podem, por falta de tempo ou de competência, ou não querem ensinar a religião aos filhos. É necessário, pois, que os preceptores façam compreender aos chefes de família a obrigação que lhes impende, de educar ou mandar educar na religião de Moisés os filhos. Os próprios preceptores necessitam de ser de uma persistência inquebrantável no ensino das crianças, a-fim-de num futuro não muito distante verem uma geração nova composta de bons israelitas e bons cidadãos.

Sem o ensino religioso a fé extingui-se-á. Urge, portanto, não deixar perder os restos da tradição que quatro séculos mantiveram, ainda que decadentemente.

Todo o preceptor deve pelo menos destinar uma hora todos os sábados e dias festivos ao ensino da religião às crianças. A preparação para *Bar-Mitçvah* deve ser mais demorada.

Deve-se também, claro está, ir dando instrução mais completa à medida que a idade das crianças vai aumentando.

Não se deve mesmo deixar de explicar a religião aos adultos de uma maneira acomodada à sua inteligência. É conveniente aproveitar para este efeito os sábados e outros dias festivos, à hora que mais apta parecer para a assistência do povo, durante os officios religiosos, por exemplo.

## II—Métodos de ensino religioso

Para que o ensino religioso produza os devidos frutos, torna-se necessário que nêle se observem fielmente as recomendações da pedagogia moderna aplicada a este ensino.

A primeira delas é que se não reduza o ensino religioso a conseguir que as crianças aprendam de cor, inconscientemente, rotineiramente, as fórmulas dos manuais. É utilíssimo, é mesmo necessário que elas decorrem essas fórmulas, para que adquiram um conhecimento breve, claro e rigorosamente exacto das verdades israelitas; mas é também inegável que o preceptor deve empe-

ñar-se em fazer-lhes compreender aquilo que decoram para que o ensino não fique reduzido a um simples exercício de memória. Ninguém ousará afirmar que conhece os princípios da religião aquêle que aprendeu fórmulas de cor, mas sem nada compreender: ficou com palavras na memória mas não com ideas.

Se quisermos que o ensino religioso forneça os devidos frutos, comecemos por fazer às crianças uma breve e clara explicação daquilo que elas se propõem decorar, tendo o cuidado de lhes dar a significação das palavras menos conhecidas e das frases mais obscuras. É um valioso auxílio que se lhes presta, porque a retenção do que se compreende é sempre menos morosa e menos fatigante. Mandar decorar uma fórmula e só depois explicá-la é processo contrário a tôdas as regras da pedagogia.

Haja também o maior cuidado em que as crianças pronunciem bem e convenientemente as palavras das fórmulas. Temos encontrado algumas e até adultos que estropiam tudo. É note-se que, em matéria de fé, às-vêzes sucede que da simples troca de uma palavra resulta uma blasfêmia.

Depois de se verificar que a criança sabe bem de cor a fórmula, deve ser-lhe explicada convenientemente, em termos simples, claros, concretos, empregando exemplos e analogias, e em seguida faça-se-lhe um interrogatório habilmente dirigido, de forma que ela fique com um conhecimento exacto e completo, tanto quanto possível, da verdade ensinada.

Dê-se inteira liberdade às crianças para que nas respostas se exprimam por palavras suas, devendo ser obrigadas a fixar, palavra por palavra, somente as fórmulas e enunciados dos princípios fundamentais.

Este método expositivo-interrogativo, dá óptimo resultado, sobretudo para crianças com pequena cultura intelectual. Mas nas explicações evitem-se desenvolvimentos excessivos e superiores à capacidade das crianças às quais é ministrado, a-fim-de não criar nelas repugnância pelos temas da exposição.

Aconselhamos os preceptores que repitam muitas vêzes, sobretudo as cousas mais importantes, tendo o cuidado de não variar, sobre os pontos fundamentais, as expressões

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Renacimiento de Israel». — Buenos-Aires (Argentina). — Nesta época que passa em que as nações, que não esqueceram uns séculos de civilização, procuram rearmar-se para defender os princípios de verdade e de justiça social obtidos pelo esforço e sacrifício de seus antepassados, o povo de Israel precisa também de rearmar-se com as armas espirituais e culturais, conhecendo e continuando a obra dos seus antepassados a-fim-de poder vencer não pela força, mas pelo espírito.

Fiel a esta necessidade de rearmamento espiritual a Editorial Israel — Sarmiento 2396 Buenos-Aires — encetou a publicação de várias obras para o almejado fim.

A primeira obra que nos chegou à mão escrita num fácil e castiço espanhol, facilmente compreensível para qualquer português é *Renacimiento de Israel*, seleccionada e compilada por Ludwig Levisohn. É uma excelente colectânea de escritos de Moses Hess, Leon Pinsker, Theodoro Herzl, Max Nordau, Bernard Lazare, Ajad Haam, Albert Einstein, Stephen Wise, Arnold Zweig, etc., etc.

«Rodas do tempo», por Coronel A. R. Brancal. — Livraria Sá da Costa — Largo do Poço Novo, 24 — Lisboa — 1938.

Obra útil em tódas as bibliotecas e livrarias particulares, ela nos facilita o conheci-

mento dos calendários civis e religiosos, usados pela humanidade desde os mais remotos tempos históricos até ao dia de hoje, e facilita-nos também a passagem dum para outro calendário, por regras simples e claras,

Historia a origem e evolução dos diferentes calendários, as ideas religiosas dos povos que os empregavam, a explicação e significação das festividades das principais religiões actuais e sua determinação no calendário.

O autor, o sr. Coronel António Rodrigues Brancal, cripto-judeu beirão, sincero e convicto, numa forma atraente apresenta-nos um resumo das crenças judaicas, suas festividades e usos dos cripto-judeus portugueses. Indica-nos também em cada dia do ano alguns factos notáveis da história portuguesa. O livro, de bom aspecto gráfico, que contém cerca de 250 páginas de texto, encanta-nos, pela forma correcta, simples e atraente como são tratados todos os assuntos.

«Pequena História da Filosofia», por David J. Perez. — Edifício Mesbla — Rua do Passeio, 56 — Caixa Postal 3.722 — Rio de Janeiro.

Livrinho interessante da *Colecção Portátil*, dirigida pelo Prof. Robert James Botkin, onde o autor, em linguagem clara, modesta, mas elegante, fornece a qualquer autodidata os elementos indispensáveis para conhecer e falar sobre o tema filosófico das diversas escolas antigas e modernas, orientais e ocidentais. Lê-se com agrado e satisfação.

que julgarem convenientes, que se gravem na memória das crianças.

O interrogatório deve ser, em regra, animado e sem interrupções, feito de modo que haja sempre alguém a falar — ou o preceptor interrogando ou a criança respondendo. Mas, é claro, devem evitar-se os exageros nesta rapidez de interrogatório: é preciso dar à criança tempo bastante para compreender a pergunta e ver a resposta que tem de dar.

As perguntas deverão ser: a) *breves*; b) *formuladas* em termos tais que as crianças as compreendam; c) *claras*; d) *precisas*; e) *coordenadas*, isto é, segundo a ordem das matérias; f) *úteis*, evitando-se as desnecessárias, aquelas a que se responda com um simples *sim* ou *não* evidentes, assim como também as muito abstractas, as subtis, e as indiscretas, que podem levar as crianças a pensar mal ou a ter dúvidas sobre as verdades da fé.

As crianças não sejam interrogadas segundo a ordem dos seus lugares; e até convirá fazer primeiro as perguntas e designar só depois disto a criança que há de responder.

Será escusado dizer que o interrogatório deverá ser feito dignamente e com familiaridade, embora paternal.

O preceptor deve exigir respostas directas, exactas, concebidas em termos claros, e, além disso, pessoais, e não assopradas pelos vizinhos; mas, tratando-se duma criança tímida, pode e deve ajudá-la com alguma palavra esclarecedora.

Quando a criança responder bem, deverá o preceptor dirigir-lhe alguma palavra de aprovação ou, pelo menos, repetir a resposta, mostrando assim que é acertada; respondendo mal, convirá que faça a mesma pergunta a outra criança que lhe inspire mais confiança.

(Continua no próximo número).

# ENSINO ELEMENTAR E DOMÉSTICO

Fiel ao seu programa de acção educativa judaica, a Yeshibah Rosh-Pinah (Instituto Teológico Israelita do Porto), a-fim-de facilitar o trabalho dos pais e preceptores (morim), inicia a publicação de alguns programas e questionários para o ensino elementar das escolas das comunidades e núcleos maranos, bem como para o ensino doméstico entre judeus e cripto-judeus.

## Programa do curso elementar de Hebreu teórico

### HEBRAICO TEÓRICO

4 classes

#### 1.ª CLASSE:

Hebreu — leitura e escrita quadrada e aljamias luso-hebraicas — aquisição de vocabulário litúrgico.

#### 2.ª CLASSE:

Escrita rabínica — aquisição de vocabulário. Artigo, substantivo e adjetivo.

#### 3.ª CLASSE:

Pronomes e verbos na forma Kal — formação de frases. Tradução de trechos muito fáceis da Thorah e do Sidur.

#### 4.ª CLASSE:

Conjugação dos verbos regulares em tôdas as conjugações, preposições, advérbios, conjunções e interjeições. Tradução de trechos fáceis da Thorah, Nebiim e Ketubim e do Sidur.

## Questionário de rudimentos de judaísmo

### RUDIMENTOS DE JUDAÍSMO

- Como reconhece a existência de Deus?
- Qual é a proclamação da unidade divina? (Em hebraico — em português).
- Quantos são os mandamentos de Deus proclamados no monte Sinai?

- Quais são?
- Quantos são os artigos da fé israelita?
- Quais são?
- Explique cada um deles, por sua ordem.
- Quantos são os livros da Lei de Moisés, nosso Mestre?
- Quais são os seus nomes em hebraico e em português?
- Porque têm êsses nomes?
- Além da Thorah (lei de Moisés), temos outra lei?
- Que diferença há entre a Lei escrita e a Lei oral?
- Quais são as festas solenes israelitas e a sua significação?
- Quais são os jejuns israelitas, e qual o motivo porque foram instituídos?
- Quais são as orações principais diárias dos israelitas?
- Quais são as partes mais importantes de cada uma dessas orações?
- Quais são as comidas proibidas?
- O que é shehitah?
- O que são tefilim?
- O que são sisoth?
- O que é mezuzoth?
- Quando se usam tefilim, sisoth e mezuzoth e para quê?
- Em que consiste a Berith Milah e qual a sua significação?
- Em quantas partes se divide a Bíblia?
- Que livros constituem cada uma dessas partes?
- Que livros constituem a Lei oral?
- O que é o Shulh'an Arukh (mesa posta)?
- O que são dinim?
- O que são passukhim?
- O que é Kadish?
- O que é Kedushah?
- O que é a Bircat ha-cohanim?
- Quando se lê a Thorah e os profetas?
- Como se chamam as secções da Thorah e dos profetas que são lidas semanalmente?
- Como se chama o local onde se reúne a congregação para fazer as suas orações?
- O que é o minian?

(Continua).

# A Inquisição do Pôrto operando

(Da *História do Estabelecimento da Inquisição em Portugal*,  
por Alexandre Herculano).

(CONCLUSÃO)

O ódio do antigo Carmelita não se limitava já aos que o tinham ofendido; era uma guerra de morte a toda a gente de raça hebraica. Dirigindo-se a Mesão-Frio, cuja população não excedia naquele tempo a cento-e-trinta ou cento-e-quarenta habitantes, ouviu só num dia, o depoimento de quasi trezentas testemunhas acerca dos cristãos-novos da vila. E' fácil de imaginar como as perguntas seriam feitas, como escritas as respostas, e quantos ficaram culpados.

Em Vila-do-Conde e Azurara passaram-se factos análogos. No Pôrto havia nove indivíduos que tinham tomado o officio de testemunhas contra o judaismo, jurando em quasi todos os processos por parte da justiça. Entre elles distinguia-se uma Catarina Rodrigues, mulher pública da mais baixa esfera, que se prostituía até a escravos. O escrivão do tribunal, Jorge Freire, antigo recebedor de certas rendas da mitra, e até então assaz pobre, enriqueceu brevemente no novo officio, exemplo que não foi baldado para os outros officiais. Nada disto via o bispo, a nada atendia, cego pelo rancor. A própria Catarina Rodrigues achava nesse duro e terrível sacerdote favor e trato benévolo. Quando os réus, a-pesar-de todas as dificuldades que lhes punham à própria defesa, alcançavam provar que as denúncias e depoimentos dados contra elles eram penas caluniosas, e não havia remédio senão soltá-los, os denunciadores e testemunhas falsas ficavam impunes, e se algum dos agravados lhes movia acção nos tribunais civis, era de novo acusado e preso.

A parte imoderada que o bispo tomava na decisão das causas despertou o ciúme do inquisidor Rodrigues; mas este ciúme, que noutras circunstâncias poderia aproveitar aos réus, tornara-se inútil pela situação relativa dos dois membros do tribunal. Jorge Rodrigues, velho e paralítico, pôsto que hábil jurisconsulto, apenas opunha frouxa resistência ao fogoso carmelita, que, educado num convento, não tivera occasião de cursar os estudos canónicos. Assim, as sentenças em geral não representavam senão o voto

incompetente do prelado, e o inquisidor delegado, quando as achava injustas, limitava-se a recusar publicá-las em audiência, ou a declarar no acto da publicação que o seu voto fôra contrário, mas que tivera de ceder à inflexibilidade de D. Fr. Baltazar.

O promotor da Inquisição, João de Avelar, homem de costumes dissolutos, era, bem como todos os outros ministros e agentes do tribunal, criatura do bispo. Tinham-lhe conciliado o favor deste a violência do seu génio e o profundo rancor que manifestava contra os cristãos-novos. No exercício das suas funções, João de Avelar não reprimia aquella, nem ocultava este. Quando lhe apresentavam um desses breves de protecção especial que os cristãos-novos costumavam comprar no mercado de Roma para se esquivarem às atrocidades do tribunal da fé, protestava logo contra elle, chegando a ponto de dizer, escumando de raiva, que era mais fácil deixar substituir por el-rei uma filha sua, do que reconhecer a validade de tais breves. As audiências e julgamentos da Inquisição do Pôrto davam campo a cenas não menos apaixonadas da parte de D. Fr. Baltazar; cenas que são fáceis de imaginar, lembrando-nos de que, como era natural, aquelles que tinham suscitado a perseguição, recusando dar as sômas prometidas para a nova igreja, não foram dos últimos a entrarem nos cárceres do Santo-Officio.

Henrique Luiz, um deles, foi condemnado a dez anos de reclusão; mas o bispo achou repugnância nos seus colegas a irem mais longe, e a condemná-lo a vestir o sambenito. Venceu, por fim, declarando que, se nisso havia injustiça, tomaria a responsabilidade dela perante Deus. Pode supor-se quão acesa cólera deviam excitar no seu animo as testemunhas favoráveis aos réus, sobretudo quando os depoimentos eram precisos, e não achava meio de os atenuar ou de fazer titubear as testemunhas. Prorrompia não raro em afrontas contra esses que assim ousavam contrariar os seus intuitos. Os epítetos que lhes dava de cães, cuspir-lhes na cara, eram amenidades a que Fr. Baltazar recorria às-

-vêzes para os conduzir ao silêncio. Os abusos dos ministros subalternos condiziam com este ódio fanático do bispo, ao qual a cegueira da paixão levava quasi à demência. Alguns officiaes honestos, a quem aquelas demasias repugnavam, demittiam-se dos cargos, e por esse mesmo facto os agentes que debaixo da capa do zêlo encobriam as suas ruins tenções mais facilmente podiam realizá-las. O primeiro escrivão do tribunal havia-se escusado por desgosto desta espécie, mas o que lhe sucedera, membro como elle do cabido, soubera amoldar-se melhor às ideas do prelado.

O carcereiro e o guarda dos cárceres também pertenciam ao bando dos zelosos. Antigo criado de D. Fr. Baltazar Limpo, o carcereiro escolhera um guarda que fôsse instrumento da própria maldade. De conceito, os dois opprimiam por mil modos os réus para lhes extorquiarem dinheiro e submeterem-nos a todos os seus caprichos, fazendo ao mesmo tempo acreditar ao bispo que as suas mãos eram puras, e que só o zêlo os tornava rigorosos até à crueldade. A carceragem de cada preso era de ordinário uma ou duas dobras; mas quando a riqueza verdadeira ou suposta, de alguns deles, acendia a cubiça do carcereiro, a taxa subia, às-vêzes, a vinte. A sorte dos que não podiam pagar era desgraçada. O guarda completava por sua parte as extorsões do carcereiro. Sem dinheiro não se abriam as portas para os advogados e solicitadores falarem aos presos, e nem sequer para entrarem nas lóbregas masmorras as cousas mais necessárias à vida. Pôsto que casado, António Pires (era este o nome do chaveiro) parece que achava longas e tediosas as horas passadas nos claustros inquisitoriaes. Havia ali duas cristãs-novas, mãe e filha, julgadas já, e cuja sentença fôra cárcere perpétuo com o trajo chamado sambenito. Estas mulheres estavam à mercê de António Pires, e palavras de um amor brutal soaram, acaso pela primeira vez, naqueles recessos humedecidos do suor de mil agonias.

A donzela foi deshonrada. Essa infeliz, para quem na primavera dos anos tinham deixado de existir as torrentes da luz do sol, os aspectos do firmamento, os verdores dos bosques e campinas, a alvorada e o crepúsculo, o aroma e o matiz das flores; para quem, ao passo que, por assim dizer, se lhe afundira ante os olhos a natureza física, se

lhe haviam afundido também tôdas as esperanças do mundo moral, e cuja vida de dilatados horizontes só ficara povoada por dois sentimentos, o da perpetuidade do cárcere e o das saúdes inúteis, devia ser bem desgraçada! A masmorra era-lhe como pátria adoptiva; o sambenito, vestidura e mortalha, e que pensamentos seriam os seus quando, prostituída, e tendo por testemunha da prostituição um amor de mãe, a consciéncia lhe disse que descera ainda um degrau que parecia não poder existir na escada das misérias da vida? Em circunstâncias daquellas, o coração humano ou estala, ou se abranda à terrível grandeza de um coração de demónio.

Verificou-se o segundo fenómeno. A vítima de António Pires chegou a gloriar-se da deshonra, mostrando orgulho de trazer no seio o fruto do torpe adultério. Eumenide no meio das suas antigas companheiras, era ela quem completava os tratos da polé e do potro, quando os esbirros davam tréguas ao martírio. A humilhação e as privações das que eram infelizes sem serem infames como que lhe refrigeravam o espirito. Os seus caprichos eram lei. A' menor desobediência, a vingança descia pronta; o feroz António Pires distribuía com mão larga os maus tratos e as injúrias, impedia a entrada dos alimmentos, e inventava quantas oppressões lhe sugeria o seu ânimo danado. Se acreditarmos as memórias dos cristãos-novos, estes factos eram públicos no Pôrto. Não podia, portanto, o bispo ignorá-los. E D. Fr. Baltazar Limpo, esse homem, que, poucos anos depois, trovejava no Vaticano contra a imensa corrupção de Roma; que fazia curvar a fronte do Pontífice diante das ameaças proferidas por elle em nome de Deus, tolerava os dramas repugnantes que se passaram nos calabouços da Inquisição, como se fôsse uma obra pia e digna de louvor. Exemplo tremendo dos precipícios a que podem arrastar-nos as três piores paixões humanas; o fanatismo, a vingança e o orgulho insensato.

## OBRA DO RESGATE

*Milah* — No dia 6 de Novembro de 1938 (12 de Hechvan de 5699), foi recebido na Aliança de Abraham o marano Guilhermino da Silva Ranito, de 19 anos de idade, natural da Covilhã; recebeu o nome de Samuel.

ESTE NÚMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA